

**O ethos amazônico e a poética de resistência/existência em poemas de Francis  
Mary, Astrid Cabral e Marta Cortezão**

**The Amazonian ethos and the poetics of resistance/existence in poems by Francis  
Mary, Astrid Cabral and Marta Cortezão**

Maria da Glória de Castro Azevedo<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

**Resumo:** Nesse artigo pretendo refletir sobre a poética de autoria feminina e o ethos amazônico em poemas de três escritoras da região Norte: Francis Mary, Astrid Cabral e Marta Cortezão. Veremos como o lugar estabelece em suas escritas um espaço imagético de pertencimento e identidade cultural, política e de resistência de gênero. Os poemas serão estudados através da ecocrítica, uma vez que os diversos sentidos dos aspectos de lugar como: raízes/enraizamentos, lar/lugar/semlugaridades são importantes conceitos para a discussão da representação social, cultural e emocional nesses poemas, além de representarem o microcosmo, ou seja, o lugar como cada uma dessas escritoras constitui a criação poética, a memória e a vivência.

**Palavras-chave:** Amazônia; poesia; ecocrítica; identidade.

**Abstract:** In this paper I intend to reflect on the poetics of female authorship and the Amazonian ethos in poems by three writers from the North region: Francis Mary, Astrid Cabral and Marta Cortezão. We will see how place establishes in their writings an imagetic space of belonging and cultural, political, and gender resistance identity. The poems will be studied through ecocriticism, since the various meanings of the aspects of place such as: roots/rooting, home/place/non-places are important concepts for the discussion of the social, cultural and emotional representation in these poems, besides representing the microcosm, that is, the place as each one of these writers constitutes the poetic creation, memory and experience.

**Keywords:** Amazon; poetry; ecocriticism; identity.

**Recebido em 10 de junho de 2022.**

**Aprovado em 15 de agosto de 2022.**

---

<sup>1</sup> Professora de Literatura Brasileira, campus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins (UFT/CPN). Doutoranda no Programa de Pós- Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL/UFNT). Email: gloriazevedo@mail.uft.edu.br

## Introdução

*Que nenhuma mulher seja violada, e que nenhuma espécie desapareça (Vandana Shiva)*

Adentrar na poética amazônica representa, para quem não está familiarizado ao ethos local, enveredar em imagens poéticas compostas pela floresta, águas, povos ribeirinhos, caboclos, indígenas e mitos. O sentimento de pertencimento à região, faz com que a poesia amazônica se sobressaia como resistência e identidade e uma poética da floresta, dos rios, da vida amazônica. Podemos dizer que é também uma poética das águas. Água-mãe, água-viva, água- amor, água-lutas.

Segundo Bachelard (1997, p. 10), em *A água e os sonhos*:

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável.

Essa água-rio-embrião confere à poesia de Francis Mary, Astrid Cabral e Marta Cortezão o impulso inesgotável de criação e de referência para a imagem poética. Ao falar sobre a supremacia da água doce, Bachelard argumenta que as propriedades do real, quando sonhadas, tornam-se realidade, com a água tornando-se a heroína da doçura e da pureza.

Ao discutir sobre espaço e lugar, Tuan (1983, p. 03), afirma que:

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns, sendo o lugar a segurança e o espaço a liberdade. Estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.

Na poética amazônica, a água, o rio e a floresta são o lar e representam o espaço sagrado e mítico para quem a poética sempre se volta. Esse espaço mítico, ainda segundo Tuan, “também representa uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais”.

Assim, nas autoras aqui estudadas, o espaço mítico repete-se na imagem da floresta, do rio, dos animais, da água e da infância, como partes que compõem a cosmogonia poética amazônica. A consciência ecológica também é parte indissolúvel

dessa poética, por isso, os estudos literários devem considerar o pensamento teórico da ecocrítica e do ecofeminismo, quando do estudo de autoras dessa região.

Na antologia *Línguas soltas: Poetas brasileiras dos anos 90* (1994), a poeta acreana Francys Mary já publicava poemas em que sua consciência ecológica e feminista aponta para a problemática patriarcalista e capitalista na Amazônia. No poema *Filha da terra*, por meio de versos curtos e precisos, a poeta escreve sobre a destruição da natureza e a exploração violenta em torno da população local.

Filha da terra

Eu nasci aqui,  
no meio desse mato  
me criei.  
Nadei no rio,  
Bebi água nos igarapés

Conheço todas as doenças  
dessa terra.  
Conheço todos os ladrões,  
Todos os exploradores.  
Conheço todos nós:  
filhos da miséria,  
irmãos da fome e da miséria

Há no poema tanto a identificação com o lugar, sentimento de pertencimento quanto a percepção crítica acerca da exploração econômica dos filhos da terra, irmanados na miséria e na fome provocadas pelos exploradores do lugar. O espaço é poético, mas também é político, sendo concebido como definição identitária: “Eu nasci aqui/ no meio desse mato/me criei. / Nadei no rio/bebi água nos igarapés”. Vemos, nessa estrofe, uma “interação de subjetividades individuais e referências coletivas, o tratamento do espaço não prevê que se dissocie de sua materialidade uma dimensão simbólica” (BRANDÃO, 2013, p. 31).

Em *Filha da terra* o espaço está na esfera do sensível, é a própria identidade da poeta e se estende para o outro espaço: o social, aquele em que estão os outros filhos da terra oprimidos pela ganância dos “ladrões” e dos “exploradores”: “Conheço todos n/os:/filhos da miséria/irmãos da fome e da miséria”.

Também podemos encontrar a linguagem simbiótica de pertencimento com o lugar no poema *Enchente*.

## Enchente

Não trago nos bolsos  
 a palavra mágica  
 que abra todas as portas  
 do entendimento  
 para decifrar o caos  
 transparente  
 dessa fase louca de transição.  
 Colonialismo latente  
 quer matar minha identidade.  
 É minha verdade  
 jorra pelos poros  
 como sangue quente  
 que deságua no rio  
 provocando enchentes.

Aqui, a poeta fala sobre a luta pela preservação de sua identidade amazônica. O colonialismo latente que quer matar a identidade do sujeito tem múltiplas facetas: pode ser a imposição de uma cultura que não representa a cultura dos povos amazônicos, a destruição do meio ambiente, a imposição de uma cultura que não representa a dos povos amazônicos, a destruição do meio ambiente ou ainda o conflito da poeta em meio à uma transição sobre a própria escrita, que seria escrever sem as marcas do lugar e de tudo que a representa, como forma de entrar em um sistema literário hegemônico, asséptico ou escrever deixando sua verdade jorrar como sangue quente, como um rio tempestuoso que a caracteriza. A geografia do lugar, a imagem aquática é o próprio corpo, sua verdade.

Tuan, na obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980) define o termo topofilia como a associação entre o sentimento e o lugar, assim, o lugar ou o meio ambiente são produtores de imagem que fornecem estímulo sensorial que “ao agir com as imagens percebidas dão forma às nossas alegrias e ideias” (p. 129). Pode-se dizer que a topofilia na poética de Francis Mary é marcada pelos estímulos sensoriais que a levam a sentir o meio ambiente como um abrigo do passado e do presente: memória e resistência.

Voltamos, então, ao Bachelard e suas poéticas do espaço da água e dos sonhos ao conceito de topofilia de Tuan. Esses poemas reafirmam o lugar ao qual Francis Mary se sente pertencente e mostram como sua poética é feita de imagens, mitos e particularidades locais. O Rio, as lendas e o mito a constituem, são parte dela, desde o florescer de sua sexualidade, até a clara consciência sobre o lugar a que pertence e como ele a moldou como mulher.

Vejamos essa relação nos poemas a seguir:

## a) O Rio

Foi nas margens do rio  
que eu te encontrei.  
Foi nas águas do rio  
que eu te lavei.  
Foi nas lendas do rio  
que eu me enleveei  
e adormeci.

## b) O Boto

Mergulhou em meu cio  
deslizando em meus seios  
suas mãos de rio.

E eu, sereia seduzida,  
Revelei meu segredo  
A matrichãs e tabaquis.  
Ainda guardo  
seu cheiro barrento  
que em noites de lua  
deságua dentro de mim.

A ligação entre o rio, o boto/homem, a mulher seduzida é uma das particularidades da poesia amazônica. Faz parte de um imaginário antigo e, por que não, patriarcalista. Entretanto, à medida em que a mulher deixa de ser apenas o objeto representado e passa a ser o sujeito com voz, muda-se a percepção, vamos dizer romantizada e idealizada da sedução do boto sobre a mulher, para uma poesia de reivindicação de gênero.

Astrid Cabral, poeta amazônica, com vasta obra publicada, também escreve sobre a figura mitológica/humana do boto, conforme veremos a seguir:

## O boto no corpo

Corre no chão do corpo um rio escuro  
de turvas águas e desejos fundos  
linfa ancestral entre pêlos e apelos.  
Nela, um boto prestes ao bote habita  
e investe para que outros rios se gerem  
e a vida não se aborte e eterna jorre.

Como percebemos, o Boto sedutor também é cantado na poesia de autoria feminina como uma entidade mágica que seduz mulheres. Entretanto, aqui, no poema de Astrid Cabral, o Boto é/está dentro do próprio corpo das águas femininas escuras do desejo. Ou seja, a mulher, água, vida e criação é quem gera a vida. Na água/mulher ancestral habita um boto que perpetua a vida.

A poesia de Astrid Cabral perpassa por temas voltados para os animais e suas vidas perenes, ao mesmo tempo fortes. Cabral reflete sobre a relação humana com os animais e a maneira como os tratamos. Sua poética permite uma reflexão sobre a relação homem, animal e natureza, em uma espécie de simbiose em que a humanidade não está acima, o que se constitui em uma ecopoesia.

O poema *Penas* aborda essa perspectiva de análise aqui apresentada.

Penas

Sinto pena  
vendo efêmeras  
formigas correndo  
trôpegas na terra  
e céleres colibris  
sugando ávidos  
flores provisórias

Lembro matas:  
castanheiras seculares  
torres nas alturas  
dos ares.  
Lembro rios:  
quinhentonas tartarugas  
quase eternas  
nas águas.

Castanheiras tartarugas  
teriam pena de mim?  
(eu formiga, eu colibri)

Na poética de Cabral também destacam-se poemas referentes à infância, memórias de um tempo que ficou para trás e que talvez não mais a identifiquem com a mulher que viaja pelo mundo e que se desgarrou de um lócus amazônico. Mas seus poemas sobre essas memórias, guardam o que é na verdade sua identidade, aquilo que mais profundamente a constitui, seu ser amazônico feito de lugares, rios, palavras, bichos, sabores e cheiros: aquela criança curiosa que ciscava o mundo que era o seu quintal, hoje é a mulher madura que viaja e descobre o mundo, mas que não perdeu sua identidade local. Ao mesmo tempo em que ela é chão, também voo: “eu formiga/eu colibri”.

Na mesma esteira das duas poetisas estudadas anteriormente, está Marta Cortezão. Cortezão nasceu no Amazonas, mas atualmente está radicada na Espanha, talvez essa ausência do lugar faça com que sua poesia seja profundamente marcada pela cultura amazônica. Em seu livro *Banzeiro Manso* (2017), dividido em quatro partes e

composto por 120 poemas, o lugar marca profundamente sua poética e sua própria constituição como pessoa.

Por mais que ela fale de amores e de outros lugares, sua memória, sentimentos e escrita têm um lugar de pertencimento e de identidade: são os lugares, os rios, os mitos amazônicos que a constituem e para quem ela escreve. É como se sua poética existisse para que ela possa dar vida à mitologia da região, aos costumes, paisagem, cultura.

Em seus poemas, notam-se uma profunda marca da identidade, uma visão apaixonada do lugar e a presença de termos linguísticos pouco conhecidos em demais regiões do Brasil. Além disto, destaca-se também por uma poesia erótica, feita de prazeres vivenciados nas águas dos rios, nos banheiros dos rios, nos braços do boto no corpo desaguando em rios.

Dos amores

Meu primeiro inocente amor  
 pesquei na cacimba  
 com isca de bucho de cuia  
 na água menina  
 que borbilhava  
 de dentro para fora  
 transbordando o coração  
 de paixão cunhatã

Ele tinha os olhos negros  
 como caroço de tucumã  
 cheiro avassalador de umari  
 voz sonora de Acuã  
 pele suave de araçá-boi  
 cabelo ruivo de espiga de milho  
 de jenipapo carnuda boca.  
 quando seu sorriso me via  
 minha boca desejava beijo  
 igual chuva cai do céu  
 e fervilha sentimentos  
 na água menina!

Sempre o pescava à tardinha  
 hora exata do encantamento  
 O caniço viçoso exalava  
 o cheiro de amor verde escondido  
 era jogar a isca e o anzol figava  
 ligeiro meu amor primeiro...

(...)

O olho d'água chorou o último jorro  
 e foi abrolhar no igarapé  
 Chorei tanto que nasceu em mim  
 olho d'água gigante e inundou

de rio o pranto cunhã constante

foi quando mergulhei no rebojo mulher  
 e descobri que o amor primeiro  
 é apenas o primeiro banzeiro da alma  
 que balança a árvore do igapó dos desejos  
 e dos amores deslumbrados...  
 Sem medo atire-me nas águas do rio  
 e aprendi com Dom Juan Boto  
 que há tempo para um louco  
 e encantador amor  
 em qualquer que seja o porto

Temos aqui, outra vez, a exploração do tema do Boto encantado e encantador de mulher, o amor e o abandono. A mistura entre homem e mito cria uma poética de fantasia e imaginação amorosa mítica. O homem encantado deixa-se fisgar, mas na verdade ele é o sedutor que se cansará em breve tempo e irá “boiar em outra cacimba” e deixará para a sofrida jovem abandonada a lição de que “há tempo para um louco/e encantador amor/em qualquer que seja o porto”.

O lócus amazônico alimenta a poética de Cortezão e, por meio de sua escrita, resiste contra o esquecimento e sobrevive como história, memória e cultura de um povo. A poética de Cortezão, é acentuadamente marcada por um regionalismo pouco conhecido na literatura brasileira, sua linguagem, a descrição de mitos, a nomeação de comida.

A poética de Cortezão é propositalmente amazônica e fala de um universo diferenciado na poesia brasileira. Por mais que ela recorra a arquétipos poéticos consagrados como o amor as sereias e seus encantos, Ulisses, cidades, desejo e erotismo, dentre tantos outros temas, todos esses elementos misturam-se à cultura local. O que a poeta sente como uma mulher marcada pelo lugar onde nasceu e morou por muitos anos.

Para concluir, as poesias dessas três autoras se aproximam pelas imagens poéticas, memórias dos lugares, presença das águas doces, do rio, do boto como elemento de erotismo e desejo e pela construção de uma poética amazônica de preservação cultural e identitária.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRANDÃO, Luiz Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CABRAL, Astrid. *Poemas*. Disponível em:  
<[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_ingles/astrid\\_cabral.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_ingles/astrid_cabral.html)>

CORTEZÃO, Marta. *Banheiro Manso*. Gramado-RS: Porto de Lenha, 2017.

FRANCYS, Mary. (Poemas). In: FLEURY, Beth. *Língua solta: poetas brasileiras dos anos 90*. São Paulo: Rosa dos ventos, 1994.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1974.

\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.